

## **A história escrita no chão: da tradição oral e a folkcomunicação<sup>1</sup>**

Emmerson Aguilar<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

### **Resumo**

Este trabalho apresenta uma análise da importância da tradição oral para a cultura popular através do relato das vidas de Benedito e Josefa, retratados no livro *A história escrita no chão*, de Luiz Sávio de Almeida, publicado em 1997. O livro aborda a história da Fazenda Vitória do Periperi em Boca da Mata, Alagoas, com uma narrativa que contempla aspectos autobiográficos e também imagens do folclore alagoano. Devido à abordagem do tema folclore, mais precisamente da forma como se processa a transmissão do saber popular naquela comunidade, este trabalho faz uma relação da obra com a teoria da Folkcomunicação de Luiz Beltrão, demonstrada em 1967. A operação historiográfica do livro seguiu a proposta de análise apresentada por Michel de Certeau, em seu livro *A escrita da história* (2010).

**Palavras-chave:** comunicação; folkcomunicação; cultura popular; tradição oral; história.

### **1 Introdução<sup>3</sup>**

A revista *Época* publicou em junho de 2008 uma edição especial que trazia em sua capa uma chamada-símbolo dos tempos atuais: “Como o *iphone* e os novos celulares vão transformar o nosso dia-a-dia”. Sete anos depois, a chamada insiste em representar uma geração. A única retificação ocorre no tempo em que o verbo está registrado: “vão transformar” cede espaço agora para o presente contínuo e o eco dos gerúndios.

Em 1950, surgia uma invenção que transformou-se em uma frente de resistência a esta marca dos tempos atuais. Sua única proeza era caracterizada pela simplicidade, se comparada com o poder do arsenal de possibilidades dos dispositivos eletrônicos contemporâneos. Mas, não nos deixemos enganar pelas limitações do gravador inventado no século passado. O poder de uma voz gravada em uma fita poderá não ser reproduzida em rede nacional por uma grande emissora de televisão, mas poderá atravessar gerações e, uma vez

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Pós Graduação em Estudos da Mídia da UFRN, e-mail: emmersonaguilar@hotmail.com.

<sup>3</sup> O autor agradece as leituras críticas deste trabalho realizadas pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Arrisete Costa, do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

acionada a tecla “play”, mesmo que a audiência seja representada por uma única pessoa, terá o poder de transformar e de se perpetuar. Esta é a força da palavra, evocando significados, atos de interpretação e, conseqüentemente, novas visões e ações. E, para que este resultado aconteça, basta que o signo esteja presente para, uma vez percebido, cumprir a sua função. Um bom exemplo disto são as capas dos livros de Ariano Suassuna<sup>4</sup>, que apresentam imagens que sobrevivem na contramão de uma ideologia dominante e que, mesmo ao largo das grandes audiências, permanecem firmes em seu papel de provocar estímulos e novas visões de mundo.

Falando em livros, mas agora em terras alagoanas, encontramos *A História escrita no chão* (1997), de Luiz Sávio de Almeida. Arriscar-se a abri-lo é encontrar a voz de dois representantes de uma classe marginalizada. É presenciar o combate entre as imagens da cultura nordestina em páginas reais contra o apelo e a velocidade das páginas virtuais de uma *World Wide Web*. É se arrepiar com os holofotes colocados sobre mulas-sem-cabeça e lobisomens, desligando *tablets* e seus *links*, ou ainda, é ler cartas trocadas entre amigos, em plena revolução dos *e-mails* e *chats* das redes sociais.

*A História escrita no chão* (1997) celebra o resgate de um saber popular através da tradição oral. Benedito, o personagem principal, poderia ser apenas um homem do interior do estado de Alagoas. Mais um no meio de tantos Antonios, Josés e Raimundos. Porém, aquela invenção de 1950 possibilitou que a voz de um, no meio de muitos Beneditos, fosse gravada e retransmitida. Possibilitou que a História contribuísse, mais uma vez, para que o mundo conhecesse um pouco mais da sua própria história. De acordo com Betty Mindlin<sup>5</sup>, presente no prefácio, este livro permitiu que as pessoas que nasceram e cresceram à sombra do que chamamos de ciência e tecnologia, pudessem ter acesso a um novo universo, impossível de vir dentro de um novo dispositivo móvel. Afinal, apesar de estarmos falando de memórias, estamos nos referindo a memórias de vidas e não aos *bytes*.

Este trabalho destaca a força, a profundidade e a riqueza da cultura popular que existe nos universos marginalizados. A compreensão deste termo está fundamentada em Luiz Beltrão de Andrade Lima, através do livro *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados* (1980), onde o autor discute, entre outros assuntos, os caminhos alternativos utilizados na transmissão do saber popular. Acima de tudo, este trabalho é um convite para a

---

<sup>4</sup> Ariano Vilar Suassuna foi dramaturgo, romancista e poeta. Nasceu em João Pessoa na Paraíba e faleceu em julho de 2014 em Pernambuco. As capas dos seus livros exibem sempre um elemento da cultura dita popular nordestina.

<sup>5</sup> Betty Mindlin é antropóloga e economista. Atuou como pesquisadora do Instituto de Antropologia e Meio Ambiente – IAMA e também na Fundação Instituto de Ciências Econômicas -FIPE da Universidade de São Paulo (USP).

reflexão da importância da Folkcomunicação através das histórias escritas nos rastros deixados por dois pares de alpargatas no chão, contadas por Luiz Sávio de Almeida. Definitivamente este é um mundo para ser desfrutado *off line*.

## **2 O lugar social do autor**

Produzir textos que falam sobre índios, negros, protestantismo e até futebol, entre outros, revela o caráter eclético e academicamente inquieto do autor Luiz Sávio de Almeida. Tal evidência já é encontrada na sua formação, que apresenta uma trajetória de experiências interdisciplinares e multiculturais: graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal de Alagoas (1965), especialista em Direito, mestrado em Educação, na Michigan State University (1973) e doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1995). No campo profissional, duas frentes de trabalho constituem suas atividades atualmente: a Universidade Federal de Alagoas - UFAL, como professor adjunto e o Centro de Estudos Superiores de Maceió - CESMAC, como coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Direito, Sociedade e Violência - NDSV.

Seu envolvimento com as questões econômicas e sociais do estado é traduzido em prêmios e títulos, como a Comenda Zumbi dos Palmares (2011), Cidadão Benemérito de Maceió (2010) e com a Comenda Marechal Deodoro da Fonseca (2006).

Dramaturgo, escritor, pesquisador. O final desta sequência vem com a naturalidade do autor, o que significa muito mais do que apenas uma informação sobre o local do seu nascimento: Luiz Sávio de Almeida é alagoano. E esta naturalidade está impregnada nas páginas de *A História escrita no chão* (1997) através da revelação em vários momentos da relação de afetividade deste com sua terra.

## **3 A prática intelectual**

Tornou-se essencial para a análise da prática intelectual a escolha de um método que servisse de base, de fio condutor para o processamento da análise da operação historiográfica de *A história escrita no chão* (1997). Assim, devido à proposta narrativa e também pela adequação a este trabalho, a opção foi pela abordagem realizada por Michel de Certeau,

apresentada no segundo capítulo do seu livro *A escrita da história* (2010)<sup>6</sup>. Certeau, refletindo sobre o historiador quando este faz a história, afirma que:

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão etc), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura) (CERTEAU, 2010, p.46).

Sendo assim, e trazendo as palavras de Certeau para a proposta deste texto, passemos então à análise da operação historiográfica de *A história escrita no chão* (1997).

A história se passa na Fazenda Vitória do Periperi, em Boca da Mata, no caminho de Anadia em Alagoas. Em manhãs que testemunhavam uma luta interna em enfrentar o banho de água fria da bica, Luiz Sávio de Almeida escreve de um banco de pelar porco na varanda. A vista que o autor possui é simples, mas inspiradora: uma serra à sua frente, uma pequena capela abandonada, a casa do avô do proprietário da fazenda e as lembranças de duas casas-grandes e dos três engenhos que existiram ali.

O primeiro personagem do livro é o próprio Luiz Sávio de Almeida que se insere no texto de uma forma autobiográfica. Esta narrativa vai se desenvolvendo segundo a lógica de uma conversa informal entre amigos e são entrelaçadas com as memórias que são apresentadas em forma de histórias que foram contadas ao autor por Benedito e Josefa, funcionários da fazenda.

[...] antes de prosseguir esta cartinha, é preciso deixar claro que ela está mergulhada na tradição familiar, com isso, fica a demarcação inicial e fundamental da subjetividade, no caso, a minha, interferindo, embora sem ocupar posição determinante na formação do texto (ALMEIDA, 1997, p.28).

As treze “cartinhas” mencionadas na citação anterior, a primeira datada de cinco de janeiro de 1996 e a última no dia dez de abril do mesmo ano, são destinadas a Theotônio Vilela Brandão (1907 – 1981). Carinhosamente chamado pelo autor de Théo Brandão, o

---

<sup>6</sup> O título original do livro é *L'écriture de l'histoire*, publicado em Paris em 1975. A primeira edição brasileira foi publicada em 1982 no Rio de Janeiro pela Editora Forense Universitária. Neste trabalho utilizamos a segunda edição, publicada em 2010 pela mesma editora.

alagoano de Viçosa foi médico e farmacêutico por formação. E quando se trata de idealismo e paixão, foi folclorista e professor de antropologia e etnografia. O momento que justifica a opção do autor pela decisão em escrever o livro em formato de cartas, envolve o leitor na intimidade de dois amigos e é encontrado em uma conversa informal, divertida e reveladora do grau de respeito, carinho e o valor dado a esta amizade:

No meio de tantas conversas, somente havia um problema. Quando ele pegava um assunto, não largava mais; então, para mudar, eu brincava: ‘Deixe que lhe escreverei uma carta sobre o assunto!’. Ele ria e invariavelmente respondia: ‘Receberei de bom grado!’. Nada mais justo que, depois de morto, receba esta pequena homenagem em forma de cartas; nelas, dou testemunho de minha amizade e de minha saudade (ALMEIDA, 1997, agradecimentos).

Benedito e Josefa, os próximos personagens do livro, surgem por uma estrada que parte de um lugar chamado de Jaqueira, não muito distante do banco de pelar porco. Ambos são negros e trabalham em serviços domésticos na casa-grande: ele com os serviços externos e ela com os serviços de dentro da casa. Embora seja apresentado no livro como o responsável pelos serviços externos da casa, Benedito é um funcionário da fazenda com benefícios diferenciados entre os demais, pois sua relação com o proprietário é do tipo pai para filho. Ele se destaca também por uma característica um tanto peculiar: Benedito é o referencial na cidade quando o assunto é lobisomem<sup>7</sup>. Religioso, Benedito é católico e, assim como sua esposa, é devoto do Padre Cícero Romão Batista<sup>8</sup>, embora haja o registro que tenha sido crente por um tempo. Porém, apesar da aparente simplicidade na apresentação deste personagem, “Benedito tem tantas vidas quantos sejam os seus locais e tem tantos locais, quanto sejam as suas vidas” (ALMEIDA, 1997, p.32): sua pluralidade é revelada pelas histórias contadas sobre ele, pelas várias perspectivas apresentadas do seu conhecimento sobre as questões da fazenda, ou ainda, através da forma como se relaciona com sua esposa e com a sociedade a qual pertence.

<sup>7</sup> O lobisomem é uma lenda muito comum no folclore brasileiro. No imaginário nordestino acredita-se que em noites de lua cheia, os atingidos por esta maldição, transformam-se em lobo ou algo parecido e só voltam à forma humana no amanhecer do dia seguinte. Segundo Sávio de Almeida (1997) “a referência ao lobo é apenas um mero detalhe quanto à permanência da palavra. [...] Tudo depende do esponjeiro: se rolou em um porco, será um bicho porco, e, se rolou em um burro, será um bicho burro” (ALMEIDA, 1997, p.102).

<sup>8</sup> Segundo o *site* da Prefeitura Municipal de Juazeiro-CE, a fé e a devoção ao Padre Cícero Romão Batista, também conhecido como “Padim Ciço”(sic), principalmente no nordeste brasileiro, iniciaram após uma hóstia ser transformada em sangue ao ser colocada por ele na boca de uma beata. De acordo com a mesma fonte, a cidade recebe aproximadamente 2,5 milhões de romeiros a cada ano (Fonte: Prefeitura Municipal de Juazeiro-CE. Disponível em <[http://www.juazeiro .ce.gov.br/ Cidade /Padre-Cicero/](http://www.juazeiro.ce.gov.br/Cidade/Padre-Cicero/)>. Acesso em 12 de julho de 2014.

As informações sobre os aspectos sociais e econômicos do lugar são registradas no texto conduzidas pelo fio de uma boa prosa. Luiz Sávio de Almeida apresenta a fazenda em uma situação econômica estável, afirmando que não havia dívidas pendentes. Esta situação de estabilidade, porém, exigia uma atenção constante. A fazenda estava inserida em um contexto econômico que era influenciado e dominado pelos interesses da usina. Isto afetava a agricultura local e até o preço das terras: “Terra que era dada como perdida passou a gerar renda” (ALMEIDA, 1997, p.45). Diante desta nova configuração econômica, a pecuária também se incorporou a esta engrenagem. E a explicação é simples: o boi salvava a vida financeira da fazenda quando a cana perdia preço.

Luiz Sávio de Almeida faz referência a diversos autores em seu livro, dentre eles destacamos: Vicente Salles<sup>9</sup>, afirmando que o levará em consideração durante o desenvolvimento da narrativa; Manoel Correia de Andrade<sup>10</sup>, do qual compartilha sua ligação com a geografia; Jacques Le Goff<sup>11</sup> e seus estudos sobre o acaso; José Geraldo W. Marques<sup>12</sup> e o lobisomem “oficial” da área de Marituba e, também, a Gilberto Freyre<sup>13</sup>, com sua menção ao ipê-cacuanha.

A leitura de *A história escrita no chão* (1997) é leve, fluida e as histórias reveladas ao longo do texto envolvem o leitor em um clima de descobertas ou ainda a uma ação de descobrir-se, em se tratando de um leitor alagoano. O mérito desta afirmação é devido a uma relação muito forte entre Luiz Sávio de Almeida e o saber popular de Alagoas. Segundo as palavras do próprio autor, a decisão de publicar a obra “derivava de minha fascinação pelo mundo rural ao qual pertenço, apesar da capa urbana e acadêmica que me vejo obrigado vez em quando a manter” (ALMEIDA, 2006, p. 25).

---

<sup>9</sup> Vicente Juarimbu Salles nasceu no Pará em 1931. Seu falecimento ocorreu em 2013. Considerado um grande intelectual do século XX, ele foi historiador e antropólogo. Dedicou também parte da sua bibliografia que consiste de 24 livros ao folclore. Destaque para o livro *O negro no Pará sob o regime da escravidão* (1971) onde revela a força dos negros escravos que foram levados para a Amazônia e que instituíram sua cultura de forma relevante, indo de encontro ao pensamento antropológico e historiográfico da época.

<sup>10</sup> Manoel Correia de Oliveira Andrade nasceu em Pernambuco em 1922. Apesar da sua opção inicial ter sido em Direito, graduou-se também em Licenciatura em Geografia e História. Sua paixão e idealismo nas áreas de Geografia e História são revelados através da publicação de 45 livros.

<sup>11</sup> Jacques Le Goff nasceu na França em 1924. Como historiador deixou grande contribuição em assuntos relacionados à Idade Média.

<sup>12</sup> Informações mais detalhadas sobre este autor podem ser encontradas no livro *Hora e vez de José Geraldo W. Marques: a travessia mágico-poética*, publicado pela EDUFAL em 2000. O livro contém a participação de Luiz Sávio de Almeida, onde este expressa seu reconhecimento ao poeta alagoano de Santana do Ipanema.

<sup>13</sup> Gilberto Freyre, escritor pernambucano, publicou em 1933 o livro *Casa-grande & senzala*, revolucionando a historiografia na época.

A variedade de fontes a disposição dos pesquisadores nas áreas de Comunicação Social e História é ampla. E o livro em questão se beneficiou, sem preconceitos, de uma variedade de documentos. Desde o contato com as fontes orais, com a aplicação de paradigmas indiciários<sup>14</sup> até com os registros escritos em diários, livros e abecedários de ervas e raízes.

Da mesma forma, a título de novas pertinências, constitui como documentos utensílios, composições culinárias, cantos, imagens populares, uma disposição dos terrenos, uma topografia urbana etc. Não se trata apenas de fazer calar esses ”imensos setores adormecidos da documentação” e dar voz a um silêncio, ou efetividade a um possível. Significa transformar alguma coisa, que tinha sua posição e seu papel, em alguma outra coisa que funciona diferentemente (CERTEAU, 2010, p.72).

#### **4 A cultura popular, a tradição oral e a folkcomunicação**

O livro *A história escrita no chão* (1997) é uma contribuição à discussão em torno da importância da cultura popular. Assim, uma breve reflexão sobre a compreensão de “cultura” torna-se apropriado neste momento.

Peter Burke demonstra em seu livro *Variedades de História Cultural* (2000) a crescente produção editorial sobre os estudos culturais, mesmo com todas as dificuldades encontradas para a explicação do termo: “Pensando bem, não é fácil responder à pergunta: que é cultura? Parece ser tão difícil definir o termo quanto prescindir dele” (BURKE, 2000, p.233). Burke, diante da dificuldade apresentada, traz uma citação de Baumann que possui uma forte relação com a proposta de *A história escrita no chão* (1997): “a ‘cultura’ se tornou um termo cotidiano que as pessoas comuns utilizam quando falam de sua comunidade ou estilo de vida” (BAUMANN in: BURKE, 2000, p.233). Em relação a isto, Luiz Sávio de Almeida é conclusivo e claro em seu livro:

É exatamente dessa subjetividade que parto em direção ao que vou chamar de “cultura” da Vitória do Periperi e, nela, encontrar, dentre outras, a personagem Benedito, entendendo nesse ponto, a palavra cultura como um conjunto específico de relações situadas em determinado local. Sei que se trata de uma definição simples e problemática, aberta para discussão, mas é operacional para apontar, inclusive, que, inexoravelmente, faço parte desse mesmo local (ALMEIDA, 1997, pp.28-29).

---

<sup>14</sup> Um paradigma indiciário é um sinal, possivelmente invisível a um olhar menos treinado, que revela informações importantes do seu autor. Carlo Ginzburg trata detalhadamente sobre este tema no livro *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, publicado pela Companhia das Letras em 1989.

O livro é generoso em trechos que exemplificam a compreensão da palavra em sua forma plural ou quando a aplica como estilos de vida em oposição: “Estamos perto em termos de espaço físico e longe em termos de uma distância social” (ALMEIDA, 1997, p.71). Ou ainda quando diz:

Somos duas histórias de vida diferenciadas, mas estamos interligados pelo contexto geral que estabelece um papel construído pelo casal e por mim. Eu estou por cima na construção do sistema, o casal está na plataforma de baixo, onde se encontra o trabalho. Quer eu deseje ou não, estou onde o capital privilegia posições (ALMEIDA, 1997, p.76).

Não podemos, entretanto, concluir esta discussão sobre cultura e sua pertinência em *A história escrita no chão* (1997) sem antes trazermos a opinião do próprio Luiz Sávio de Almeida em relação a estes diferentes olhares sobre diferentes universos. Após uma reflexão sobre a crença do Benedito em lobisomens, de pássaros que tinham a capacidade de falar e de homens que correm bicho, ele afirma: “[...] a minha opinião não pode excluir a ordem dos outros e nada exclui a possibilidade de que me entregue a ela como reflexão” (ALMEIDA, 1997, p.127). E esta ordem dos outros pode se apresentar como um mundo repleto de imagens e leituras subjetivas do que entendemos por cultura popular. Juremir Machado da Silva discutindo sobre o assunto, afirma que:

[...] as chamadas pessoas comuns têm uma maneira própria de entender e organizar o mundo. Isso se expressa na cultura popular: canções, provérbios, filosofias de vida, causos, anedotas, visões de mundo etc. O ‘homem do povo’ lê o mundo tanto quanto o intelectual, mas com lentes diferentes (SILVA in: BELTRÃO, 2014, p.23).

A aproximação dos termos “cultura popular” e “folclore” soa imprecisa, tendo em vista a presença dos meios de comunicação em vários níveis da sociedade, incluindo as comunidades rurais, onde a mídia pode filtrar a realidade, retransmitindo a informação sob a ótica da sua ideologia. Ou ainda, e agora segundo Luiz Sávio de Almeida, porque “o conceito de folclore no Brasil foi construído sobre o vazio antropológico e sobre o vazio histórico que



ele demandava para esclarecer o que seria um saber do povo” (ALMEIDA, 1997, p.35). Porém, para a presente discussão, este vazio não diminui o valor do livro quando ele aborda as questões do folclore alagoano. Até mesmo porque encontramos o eco desta imprecisão no próprio Luiz Sávio de Almeida e isto o deixa livre e aberto para escrever, sem amarrações teóricas, sobre o que vê e ouve na rotina do homem simples de Boca da Mata:

Eu fico com um problema logo de saída: não sei o que diabo é *folk* nem o que é *lore*. [...] Então, vou dar um depoimento sobre o que não sei. Parece uma coisa meio maluca, mas é divertido pessoalmente e, teoricamente, deixa-me aberto para andar e andar, esperando um local de pousada. Lembro do nome de um bar que havia em Natal, no Rio Grande do Norte: Pousa do Tetéu. É aonde espero chegar: ao lugar onde o Tetéu se recolhe (ALMEIDA, 1997, p.25).

Este pouso seguro no universo do folclore será encontrado nas narrativas de Benedito, nas motivações de Théo Brandão e nas indagações de Luiz Sávio de Almeida. Memórias traduzidas em palavras e palavras repletas de saber popular. *A História escrita no chão* (1997) é um espaço para as memórias e palavras que não temem o preconceito de serem rotuladas ou de serem imaginárias. O que é traduzido em palavras é real na mente de quem as conta – e isto é mais do que suficiente. “A grande motivação estava na Capela, terra de meus pais, legada por histórias e mais histórias que contavam, conversas e mais conversas [...]” (ALMEIDA, 2006, p.25).

Histórias e conversas. O leitor que tem diante de si as páginas de *A história escrita no chão* (1997) encontra logo no prefácio uma dimensão do que esta combinação pode trazer como resultado: “Um livro de história? De etnografia? De tradição oral?” (MINDLIN, Betty in: ALMEIDA, 1997, prefácio). Um encontro com um teórico de Comunicação Social torna-se apropriado e apoia com uma contribuição que fundamenta uma compreensão sobre o universo proposto no livro: Luiz Beltrão de Andrade Lima, pernambucano, autor de uma teoria brasileira da comunicação - a Folkcomunicação. Por este termo entendemos “[...] a comunicação em nível popular. [E que] por popular deve-se entender tudo o que se refere ao povo, aquele que não se utiliza dos meios formais de comunicação” (LUYTEN apud BELTRÃO, 2014, p.8). Vamos aprofundar um pouco mais nossa discussão nesta direção.

*A história escrita no chão* (1997) é repleta de histórias que desconhecem os limites temporais e circulam dentro do contexto de uma sociedade, de uma família e dos seus agregados, dentre eles Benedito e Josefa. Estas informações repassadas de geração em geração não estavam presentes nas mídias ditas de massa, mas sim transmitidas através dos meios informais tão presentes no dia-a-dia da cultura de regiões do interior de Alagoas. Beltrão defendia que a comunicação não se dava somente através da grande imprensa: televisão, rádio, cinema, internet ou através das mídias impressas. Também afirmava que a comunicação não se limitava somente aos que eram dominadores da arte erudita e da ciência acadêmica. Ele esclarece que as conversas na rua, na barbearia, nas calçadas que recebem seus moradores com seus banquinhos todos os fins de tarde, que o cantador popular, o cordelista, o artesão, o motorista de caminhão, que a prosa que rola solta nas feiras semanais, nas quermesses, que as histórias contadas pelos mais antigos que fazem as crianças arregalarem os olhos de medo, que as danças e os folguedos, entre outros, são expressões da Folkcomunicação, ou seja, cada uma transmite informações e um saber popular que se perpetua, vencendo as barreiras do tempo e também do espaço da sua maneira, sem o apoio de uma grande mídia: “E foi vendo este arco-íris que me lembrei de minha mãe falando, dizendo coisas que já havia escutado de minha avó.” (ALMEIDA, 1997, p.77).

O reforço nesta relação existente entre *A História escrita no chão* (1997) e a Folkcomunicação vem com a voz da antropóloga Raquel Rocha: “Nos rastros de Benedito e Josefa – escrita subterrânea e marginal – se configura a densidade de um social revelado com habilidade, através da escavação das camadas da memória e dos costumes do povo” (ALMEIDA, 1997, segunda orelha).

Andar com eles será, infalivelmente, andar debaixo do sistema, encontrando o que nunca seria evidente e construindo uma história que jamais existiria sem que a escrita se despisse dos grandes rasgos para andar naquilo que permaneceria oculto, não fosse a interferência do próprio historiador. E andar pelo mundo da Josefa e do Benedito é andar por um mundo marginalizado. Aqui, o marginal se faz historiografia, apesar de ser e sempre ter sido história (ALMEIDA, 1997, p.76).

A tradição oral é apresentada na leitura de *A história escrita no chão* (1997) como um aspecto importante a ser considerado quando nos deparamos com os universos desvendados através do resgate e registro das memórias de pessoas comuns da sociedade, mas que foram transformadas em massas devido ao manto da globalização e do consumo. Vem de

Marieta Moraes Ferreira, uma afirmação que agrega consistência a esta reflexão sobre a importância da tradição oral para a História e, conseqüentemente, na relação estabelecida neste trabalho com a Folkcomunicação:

[...] o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas, característica que permitiu, inclusive, que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos (FERREIRA in: CARDOSO e VAINFAS, 2012, p.171).

Georges Duby (1987) nos fornece uma ilustração ímpar para concluirmos esta discussão sobre a importância da palavra falada, registrada em seu livro *Guilherme Marechal, ou, o melhor Cavaleiro do mundo* (1987). A situação se passa quando Guilherme está em seu leito de morte e está expressando seus últimos desejos em relação ao destino dos seus bens, ou seja, a parte que cabia a cada um naquela farta fortuna que possuía. Suas palavras foram acompanhadas com muita atenção e aguardadas com muita expectativa. Seus desejos foram criteriosamente registrados em um documento que foi colocado em um cofre. Após a descrição detalhada de um culto ao registro físico e à palavra escrita, Duby arremata: “É pouco provável que seja preciso lê-la algum dia” (DUBY, 1987, p.17). A palavra falada pode cumprir o propósito da sua existência, apesar do seu caráter efêmero e frágil, com a mesma força das palavras registradas com tinta em papéis guardados sob a proteção segura de cofres.

## **5 As cenas do livro: um convite à leitura**

Jacques Revel, no prefácio de *A Herança Imaterial* de Giovanni Levi (2000), fornece um termo que julgamos apropriado o empréstimo para definição das páginas que esperam pelo leitor: trata-se de um livro escrito ao rés-do-chão. A expressão é forte e ao mesmo tempo consegue chamar a atenção do leitor, criando um clima de expectativa sobre o novo conteúdo que se tem em mãos pronto para ser explorado, desvendado e (re)vivido. Afinal, abordagens como as de Giovanni Levi e de Luiz Sávio de Almeida, pelo mérito de terem se voltado para a importância do indivíduo e a partir deste reconstruir todas as possíveis

relações com os sistemas que o cercam, “tornam muitas vezes possível uma reconstituição do vivido inacessível às outras abordagens historiográficas. Propõe-se por outro lado a identificar as estruturas invisíveis segundo as quais esse vivido se articula” (REVEL in: LEVI, 2000, p.17).

Estas estruturas invisíveis estão presentes na narrativa apresentada por Luiz Sávio de Almeida através das transformações de uma fazenda na Boca da Mata vistas sob a perspectiva de um olhar de baixo, a partir do chão, levantando a mesma poeira todos os dias com a força do trabalho e o arrastar dos passos que se repetem no mesmo barro batido. E, sendo vista de baixo, nem por isto é menor, é apenas diferente e inusitada, porque são entrecortadas por visões do mágico e do imaginário popular: “lida ao rés-do-chão, a história de um lugar seja provavelmente diferente da de todos os lugares” (REVEL in: LEVI, 2000, p.33).

Assim, como não se encantar pelo inacessível, pelo invisível, pelo mágico? Como não se surpreender pelas convicções de Josefa e Benedito, que não temem serem expostos devido às suas crenças em lobisomens, animais que falam e seu pavor da Mulher da Costa Oca? Ou ainda, como conceber a chegada da tecnologia no dia-a-dia da fazenda, através de dispositivos que encurtam distâncias como o celular e o asfalto, e não serem capazes de diminuir o brilho das histórias contadas pelos mais velhos do local? Uma boa prosa, conduzida com os sabores e aromas da vida campo, enchem uma infância de significado:

Eu ri, quando meu filho veio dar a informação sobre a mãe-d’água, que vez em quando aparecia pelos lados do Zé Pequeno, lá na beira do açude de cima. Ri, pelo fato de ter-se interessado e ele me reprovou: “Painho, porque você está rindo; isso é da cultura deles, eles acreditam...” (ALMEIDA, 1997, p.82).

A mãe-d’água convive com maçons que correm bicho, com a Mula sem Cabeça, com a Peste, com o Fogo Corredor, com o Caboclo de Casco, com a história da pedra que explodiu na beira do caminho e exalou um cheiro tão forte que até hoje é sentido por um cidadão daquelas bandas. Difícil de entender? Que tal a ideia de ficar de sentinela, literalmente postando guarda a um defunto em um velório durante todo o período da noite, considerado como a primazia do reino da morte? Ou ainda, voltar no tempo em que os cadáveres eram transportados em redes e descobrir que, quando os carregadores se sentiam cansados, davam umas cipoadas no defunto, devido à crença da existência de uma relação entre os pecados cometidos pelo finado e o peso do corpo? Tais situações são tidas como

inadequadas na lógica das metrópoles, mas aplicável e real pela ótica do folclore, pela visão ao rés-do-chão. E reside exatamente nesta complexidade de explicação e de concepção o fio que prende o leitor ao texto de *A História escrita no chão* (1997), afinal “por que ser simples quando se pode ser complicado?” (REVEL in: LEVI, 2000, p.28).

## 6 Considerações finais

*A História escrita no chão* (1997) traz em suas 207 páginas o retrato da rotina simples de uma fazenda na Boca da Mata de Alagoas. O autor resgata o passado do lugar e o recoloca no presente, não sem antes mostrar as transformações tecnológicas ocorridas e suas consequências sociais e econômicas. O fio da discussão que une as capas do livro são as cartas enviadas com o selo de uma amizade, a única forma possível, visto tratarem de uma homenagem póstuma ao amigo Théo Brandão. O “olhar-tinta-mágica”, expressão cunhada por Betty Mindlin no prefácio do livro, é mérito de um ambiente ilustrado por histórias e mais histórias, expressões de um saber há muito tempo inventado e transmitido de geração em geração e que resiste nas lembranças de dois negros do local: Benedito e Josefa. O livro executa a proeza de trazer o folclore alagoano em plena década que vivencia a explosão da internet, a de 90. E falar em resistência e transmissão de conhecimentos populares sem o apoio da grande mídia é trazer a tona as discussões propostas por Luiz Beltrão, através da sua análise chamada de Folkcomunicação.

Luiz Beltrão explicou em sua teoria Folkcomunicação em 1967, o que o alagoano Luiz Sávio de Almeida registrou em suas páginas trinta anos depois: um encontro de uma prática historiográfica com uma teoria da Comunicação Social. Afinal, como explicar que casos, crenças, anedotas e poemas superassem obstáculos no tempo e no espaço e alcançassem as gerações atuais sem o brilho das telas de *leds*? A resposta é simples: a voz de Benedito. E mesmo sem as descrições da sua idade ou do seu nome completo em todo o livro, ele desempenha um papel fundamental na transmissão dos saberes na Fazenda Vitória do Periperi. Mas, como esta comunicação se processa? Como alcança todas as pessoas de uma comunidade? Como suas histórias viram objeto de crença de todos? Quais características na teoria da Folkcomunicação habilitam o humilde Benedito a ser um arauto da cultura local? Há muito ainda a ser pesquisado e esta constatação retroalimenta a mente de comunicadores e historiadores.

Oportuno questionamento, em um momento em que Dirceu Lindoso no livro *O círculo arcaico & outros estudos antropológicos* (2013) defende a necessidade de estudos sobre o folclore alagoano mais profundos, mais etnológicos e revestidos do apoio do meio acadêmico. A parte que competia a este trabalho, mesmo não tendo esgotado todas as possibilidades, devido à largueza e profundidade de termos como cultura e folclore, encerra aqui. E o fim pode ser o começo para uma pesquisa mais aprofundada sobre o autor Luiz Sávio de Almeida e o estilo desenvolvido em *A história escrita no chão* (1997), para uma pesquisa que demonstre o potencial comunicativo e revelador do folclore e suas contribuições para conhecermos um pouco mais sobre cultura popular. É momento oportuno de revelar as diferenças de um povo que contribui para a riqueza do vasto tema que é o folclore brasileiro. Somos diferentes e “diferença é negócio de alagoano” (LINDOSO, 2013, p.196).

A tarefa, sabe-se, não é fácil. “Somente uma cultura sabe de si mesma e entre ela e o que lhe escrevo sobre ela existe um descomunal hiato” (ALMEIDA, 1997, p.145). Mas, mesmo sendo árdua a tarefa, *A história escrita no chão* (1997) soa como um desafio que ainda espera uma resposta. Afinal, citando Luiz Sávio de Almeida, “Benedito e Josefa são qualificações que beiram ao eterno” (ALMEIDA, 1997, p.121). Por beirar o eterno, entendemos algo que não pode ser facilmente previsto ou ainda aquilo que oferece resistência para o estabelecimento de seus limites. É algo que não pode ser entendido com facilidade. Por beirar o eterno também associamos ao intangível que o saber popular pode revelar todas as vezes que nos propomos a ler e reler as linhas das histórias que são escritas no chão.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, Luiz Sávio de. **A história escrita no chão**. Maceió: Edufal, 1997.

\_\_\_\_\_. **Crônicas Alagoanas** – Lembranças das matas e agrestados das Alagoas. Volume I. Maceió: EDUFAL, 2006.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

\_\_\_\_\_. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DUBY, Georges. **Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

Especial Tecnologia. **Época**. São Paulo: junho, 2008, nº 528. Edição especial.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion (Org.); VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

LINDOSO, Dirceu. **O círculo arcaico & outros estudos etnológicos**. Maceió: EDUFAL, 2013.

MINDLIN, Betty. Prefácio. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de. **A história escrita no chão**. Maceió: Edufal, 1997.

Plataforma Lattes. CNPq. Currículo Lattes de Luiz Sávio de Almeida. Disponível em <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em 21 de junho de 2014.

REVEL, Jacques. A história ao rés-do-chão. In: LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SILVA, Juremir Machado da. Ainda existe o popular?. In: BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. pp.21-28.